



As Práticas Educacionais em Turismo e a sua Importância para a Formação do Turismólogo e de Destinos Turísticos

Natália Rodrigues de Melo¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo: Os primeiros cursos de turismo no Brasil têm início a partir da década de 70 quando es atividade começa a se tornar de massa e movimentar diretamente as finanças. Surge assim a necessidade de cursos nessa área e, dessa forma, educar para uma prática bastante mutável, mas sedenta de informação e formação. O presente trabalho procurará fazer uma leitura crítica das práticas educacionais em turismo e o papel do docente enquanto formador e informador nos cursos de turismo. Para ilustrar a relevância do tema no desenvolvimento do turismólogo e do destino turístico, o ensaio buscará elucidar a relação da educação com o turismo cultural, um dos segmentos da atividade. A pesquisa intentará para pesquisas e estudos de colaboradores da área do turismo, patrimônio e educação.

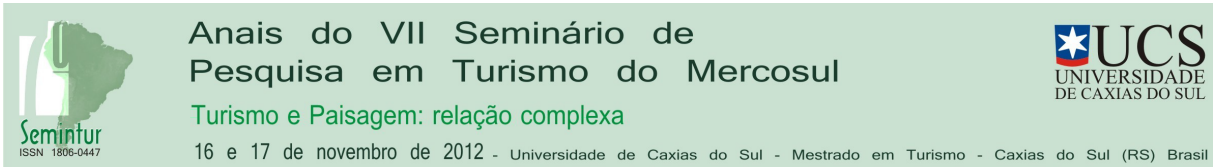
Palavras-chave: Educação; Turismo; Patrimônio

Introdução

Embora o turismo seja uma prática desenvolvida desde os primórdios da humanidade, é somente na era moderna que esta atividade começa a ser praticada em acordo com a preocupação do turista. Como marco deste momento, é comum lembrar o vendedor de bíblias chamado Thomas Cook, que, em relato na obra de Barretto (2003), se despontou ao alugar um trem para levar pessoas a uma liga contra o alcoolismo, no ano de 1841, na cidade de Leicester, Inglaterra. Neste momento, surge, portanto, a clareza de se poder gerar divisa por meio do turismo, pautando sempre pelo bem-estar do turista, prezando pela organização, hospitalidade e conexão de todos os serviços necessários para satisfazer aquele que poderia pagar pelo prazer de viajar.

A partir deste momento então, não serviria somente o deslocamento, a hospedagem, a alimentação etc, seria necessário que tudo estivesse em acordo para bem receber o visitante,

¹Graduada em Turismo pela Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP e atualmente Mestranda em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Este ensaio é parte de um trabalho de conclusão de curso apresentado no ano de 2010 e aprimorado nos dias atuais. E-mail: naty_rmelo@hotmail.com



que se tornaria mais exigente a cada momento em razão de seu descanso, prazer, lazer e entretenimento.

Como fazer então para satisfazer esse ser sedento por tudo aquilo que o turismo poderia proporcionar? Acredita-se que pela estruturação desta atividade por meio de planejamento e gestão, o que não se tinha em relação a uma prática nova e requerente de informação para tal.

A partir de então, percebeu-se que não era tão simples sistematizar o turismo e estudá-lo, portanto, tornou-se uma necessidade para atender sempre melhor o viajante que busca por locais que não o seu de moradia, deslocando de forma voluntária, permanecendo certo tempo em busca de recreação, cultura, ou saúde, e nunca por atividade remunerada, propiciando inter-relações de importância social, econômica e cultural (DE LA TORRE, 1992, p. 19).

Dessa forma, a educação dentro desse conceito de turismo se edifica a partir da necessidade da crescente profissão que passa a requerer mão de obra especializada, mas também de bons formadores do profissional do turismo em uma cadeia de formação e informação tanto no preparado, quanto na atuação, bem como no destino turístico.

É objeto deste artigo, portanto, elucidar a educação no turismo e o papel do educador neste viés, bem como, através do segmento do turismo cultural, mostrar que em qualquer área desta prática se requer profissionalização por meio de ações educativas e através desse exemplo, atentar para a relevância da educação no turismo em todo o seu contexto.

Formar ou Informar em Turismo?

Muito se tem discutido sobre as relações do turismo com os sítios “tomados” por essa atividade. Alguns estudiosos se posicionam contra e outros a favor, entretanto, na maioria das discussões há um ponto convergente: para que a atividade aconteça saudavelmente há que se pensar a comunidade e ter um planejamento pautado nesta questão. Entretanto, para que haja o planejamento, é preciso entender os processos pelos quais essa modalidade passa e qual a importância da mesma no cenário turístico. Logo, adentramos nos valores educacionais que entram em cena para respaldar esta concepção e subsidiar discussões.

Aguiar (2006) afirma que a relação do turismo com a educação está demasiada além das relações entre seus significados. O principal ponto de estreitamento consiste nas relações sociais existentes nas duas atividades. Tanto em um caso como em outro as experiências são



muito significativas para os participantes, podendo até mesmo conduzi-los a entendimentos diversos sobre as relações humanas e as formas de compreender e organizar o mundo.

Neste contexto, entra o papel intermediador dos centros de formação do profissional do turismo, com o intuito de capacitar e diminuir a distância entre *lôcus* turístico e a própria população receptora. No entanto, o ensino do turismo forma ou somente informa para o profissional?

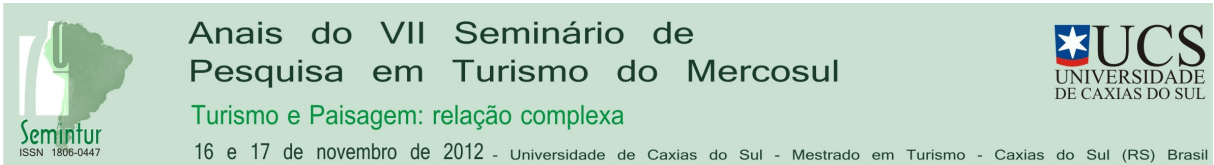
De acordo com Gaeta (2005),

Iniciamos o novo milênio com a perspectiva de que, por toda parte e por toda gente, a busca do conhecimento será considerada condição indispensável para se alcançar qualquer fim. Vivemos em uma sociedade dominada pela informação, que se desenvolve de forma espetacular tanto no que se refere às fontes do conhecimento como à sua divulgação. Os indivíduos, todos, serão estimulados a aproveitar todas as ocasiões que se lhes apresentarem para aprender. Isso significa que surge uma nova expectativa sobre o papel do professor, pois depende deles, em grande parte, a realização dessas aspirações. O docente passa, então, a ser encarado como o agente da mudança: aquele que ajuda seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber. (p. 221-222)

Pelo exposto, é relevante ressaltar que o ato de educar vem ganhando força a cada dia em detrimento das práticas empíricas, não as menosprezando, mas respaldando por meios científicos. E que, a figura do educador é essencial para a formação do profissional, seja em turismo ou em qualquer área, sendo a sua presença que orientará e doutrinará para o que se pretende seguir.

Dessa forma, o educador em turismo tem a tarefa árdua de não somente ser o mestre do educando, mas este também deve estar em constante aprendizado, haja vista a grande mutação da atividade turística. Ainda de acordo com Gaeta (2005), o professor em turismo deve estar ciente do caráter mutável da atividade e por conta deste fator, buscar por aprofundamento naquilo que ensina, estando inter-relacionado com outras disciplinas, além de se pautar em duas dimensões, teoria e prática.

Entretanto, segundo Ansarah (2000 apud BRUSADIN, 2007), ainda é grande o desconhecimento e o despreparo de considerável parte dos docentes do curso de Turismo, ao passo que poucos buscam por especialização já que existe pouca oferta desses cursos na área ou simplesmente pela questão do desestímulo que essa profissão gera devido à falta de reconhecimento do turismólogo.



Por esse aspecto, percebe-se que o descontentamento traz malefícios na transmissão do conteúdo, na qual a criticidade é deixada de lado em detrimento da falha do aprendizado do próprio docente, além do enraizamento do turismo como indústria e o ensinamento estar boa parte das vezes pautado nas questões mercadológicas e mediatizadas, outro problema na relação do ensino do turismo.

Nos estudos de Freire (2005), se torna possível complementar a assertiva acima quando este diz que a falta de senso crítico por parte dos educandos os torna somente “depositários” de informação, criando uma concepção “bancária”, pois esses aprendizes recebem o ensinamento, guarda-o e o arquiva.

Fazendo uma análise regressa, o primeiro curso de Turismo do Brasil nasce na década de 70, época em que esta atividade vinha se tornando massiva e de grande movimentação financeira no Brasil (BRUSADIN, 2007). Logo, o que se procurava passar para os futuros turismólogos estava pautado nesta questão imediatista que o turismo vinha carregado.

Com o passar dos anos, a conscientização quanto à participação das comunidades aumentou, entretanto, o embate comunidade *versus* invasão turística ainda é latente e o reflexo na educação para o turismo ainda sofre com os que lecionam em favor da indústria turística que por vezes é cega aos apelos sociais.

Dessa forma, o professor de Turismo deve ser capaz de ser multidisciplinar e fomentar o senso crítico nos seus educandos, como afirma Barreto et. ali. (2004). Complementando, Gaeta (2005) afirma que atrelado aos ensinamentos teóricos o desenvolvimento cognitivo é fundamental para a transmissão de conhecimento ao passo que todo docente possui conhecimento objetivos e subjetivos, além de um processo complexo, adaptativo e experiencial, que precisam ser considerados e valorizados prioritariamente nos projetos de formação, não deixando de estar revisando e atualizando constantemente num processo contínuo de pesquisa.

Mas afinal, a formação do bacharel em turismo forma ou informa? Rousseau (1999) disse que tudo que entra no entendimento humano vem pelos sentidos, ou seja, a primeira razão do homem é uma razão sensitiva, sendo esta a base para a razão intelectual. Portanto, a formação existe antes do aluno entrar na faculdade, pois é aquele que vai atentar para a melhoria do entendimento ao buscar aperfeiçoamento.



Portanto, a formação do turismólogo no Brasil é informativa em boa parte e cabe ao profissional saber articular isso para a sua formação, com base nos saberes docentes, que ainda falhos, reconhecem o papel interdisciplinar do curso, para que o profissional seja formador e informador na articulação do turismo e seus espaços de acontecimento.

A partir dessa discussão, o tópico seguinte tentará a partir de uma análise histórica e conceitual, elucidar a inter-relação da educação com o turismo cultural buscando retratar como exemplo um dos segmentos em que o bacharel deverá atuar e como esta modalidade está intimamente atrelada aos fatores educacionais para o bom desenvolvimento.

Educação para o Patrimônio... Educação para o Turismo

Com o advento do capitalismo o turismo nasceu e desde então, a cada avanço desse sistema vigente, a atividade turística acompanha crescendo também. A partir de 1960, quando houve então essa explosão do turismo como atividade de lazer, milhões de pessoas se envolveram, transformando essa atividade num fenômeno econômico, garantindo um lugar no mercado financeiro internacional (MOESCH, 2002).

No Brasil, a atividade turística começou a desenvolver a partir da década de 1970, em pleno “milagre econômico”, tornando-se uma possibilidade muito importante e viável para o desenvolvimento e a geração de empregos e riquezas. O país estava num momento crítico da política, “marcado pela ditadura militar de direita, um contraponto geopolítico importante na Guerra Fria global e, paradoxalmente, a classe média e as elites se deslumbravam com a ascensão vertiginosa das bolsas de valores e das novas possibilidades de geração de riquezas.” (TRIGO, 2000, p. 244)

A partir de então, a cada desenrolar da atividade, algumas necessidades foram surgindo ao passo que os turistas vinham se tornando mais exigentes, além de buscarem aquilo que competiam ao seu poder aquisitivo, preferências, dentre outras. Dessa forma, surgiu a segmentação turística, capaz de estabelecer critérios para classificar o turismo.

A segmentação de mercado consiste na sua divisão em grupos de consumidores relativamente homogêneos em relação a um critério adotado (idade, interesses específicos etc.) com o objetivo de desenvolver, para cada um desses grupos, estratégias de marketing diferenciadas que ajudem a satisfazer a suas necessidades e conseguir os objetivos de atração da demanda para determinado núcleo receptor. (DIAS, 2005, p.67).



Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul

Turismo e Paisagem: relação complexa

16 e 17 de novembro de 2012 - Universidade de Caxias do Sul - Mestrado em Turismo - Caxias do Sul (RS) Brasil



Ignarra (1998) estabelece critérios como, idade, nível de renda, meios de transporte, etc, e a partir de cada ponto estabelecido, cria segmentos, como, turismo infantil, juvenil, de meia idade, de terceira idade e familiar para o critério idade e assim por diante.

A partir desta segmentação, surge o turismo cultural à medida que as pessoas começam a buscar no lado artístico, cultural e histórico como fonte de lazer, descanso e em alguns outros casos, a procura pela memória e pela identidade.

Barretto (2000), afirma que o turismo cultural pode estimular a existência e a reabilitação de sítios históricos, além de monumentos e construções, através de transformações destes em “recurso recreacional”. Além disso, menciona que esta atividade pode proporcionar a revitalização de atividades tradicionais que estão em declínio, bem como redescobrir sítios com propriedades específicas e cidades históricas, fomentando a transformação de habitações antigas em dormitórios turísticos, conservando a estrutura e as características tradicionais.

Essa transformação pode ser observada nas cidades históricas de Minas Gerais, onde várias delas mantêm seus sítios preservados por serem grandes pólos turísticos. Ademais, o modo de fazer de rendeiras de Florianópolis, poderia ter se perdido para sempre caso não houvesse a interferência dessa atividade. Entretanto, há uma crítica quanto ao patrimônio como bem de consumo, no qual pode ocorrer a perda da valorização da história impregnada ou da identidade, e passa a ter valor por ser comercializado como atrativo.

Choay (2001) diz que o patrimônio histórico a cada dia se enriquece como as novas formas de valorização e exploração, e afirma ainda que,

A indústria patrimonial, enxertada em práticas com vocação pedagógica e democrática não lucrativa, foi lançada inicialmente a fundo perdido, na perspectiva e na hipótese do desenvolvimento e do turismo. Ela representa hoje, de forma direta ou indireta, uma parte crescente do orçamento e da renda das nações. Para muitos estados, regiões, municípios, ela significa a sobrevivência e o futuro econômico. E é exatamente por isso que a valorização do patrimônio histórico representa um empreendimento considerável (pp. 225-226).

Entretanto, explana que

(...) A ‘embalagem’ que se dá ao patrimônio histórico urbano tendo em vista seu consumo cultural, assim como o fato de ser alvo de investimentos do mercado imobiliário de prestígio, tende a excluir dele as populações locais ou não privilegiadas, e, com elas, suas atividades tradicionais e modestamente cotidianas. (...) (CHOAY, 2001, p. 226).



Ainda, segundo a autora, “a exploração do patrimônio histórico arquitetônico está, pois, fadada ao esgotamento, a menos que se reduzam os custos de manutenção e se regule o fluxo de seus consumidores.” (CHOAY, 2001, p. 228).

Se por um lado o turismo é benéfico ao patrimônio cultural por dar outro uso e resguardar sua manutenção, por outro ele pode colocar a população à margem das divisas geradas, além de degradar o monumento antigo. Este trabalho se propõe ir além das dicotomias relacionadas aos prejuízos e benefícios do turismo, incluindo no debate o processo educativo que perpassa o turista mais do que um viajante, sendo um cidadão do seu tempo.

Pelo exposto, podemos partir para uma análise importante no debate acerca dos benefícios e malefícios da atividade turística utilizando da educação do patrimônio a fim de se relacionar com o turismo e seus benefícios ou malefícios.

A educação para o patrimônio surge em princípio da problemática da apropriação dos bens históricos e culturais de forma desordenada, já que com o regime de tombamento e valorização das edificações desses bens para a história dos povos, há um fomento para o consumo destes.

Entretanto, além do exposto, percebe-se uma possibilidade de pesquisa, estudos científicos e acadêmicos, bem como uma forma maior de “prevenção”. A educação para o patrimônio então passa a integrar não somente os museus ou propagadores afins, mas, sobretudo, instituições de ensino.

A partir disso, foram estabelecidas várias diretrizes educacionais a fim de se alcançar um propósito que visasse um fim patrimonial. Uma delas são as condições.

A primeira condição é que as experiências de aprendizagem se desenvolvam com a utilização dos bens culturais originais: monumentos, arquiteturas, fontes de arquivo, peças de museus, sítios arqueológicos, quadros autênticos, etc. A segunda condição é que sejam objeto de observação e de uso para produzir informações. A terceira condição é que esses sejam colocados em relação com o contexto e com a instituição que os tutela. A quarta condição é que se promova a tomada de consciência de que são a minúscula parte de um conjunto muito mais amplo que permite o conhecimento do passado e do mundo, o prazer de conhecer, a fruição estética. As últimas duas condições requerem que se generalize a descoberta do valor dos bens culturais usados e das instituições e dos sujeitos que os tutelam e os estudam (MATOZZI, 2008, p 138).

Dessa forma, podemos pensar na educação para o patrimônio como uma ascensão de valor, desde que os alunos sejam motivados pelos ensinamentos e tenham plena noção de estarem



adquirindo conhecimentos significativos graças à presença dos bens culturais e do seu uso (MATOZZI, 2008).

Apesar de haver a discussão quanto à apropriação do patrimônio pelo turismo, é mister que existe uma contribuição na manutenção de prédio, bairros e cidades, evitando a própria substituição por outras formas arquitetônicas. O temor é que o número de turistas aumente e isso evidencie cada vez mais um turismo de massa desordenado.

Dessa forma, pensar na educação para o patrimônio é pensar na educação para o turismo. Fazer o planejamento do turismo, analisando a capacidade de carga principalmente, além do “*feedback* proporcionado pela experiência dos turistas e pelas reações dos equipamentos ao uso” (BARRETTO, 2000, p. 81), é buscar a educação para o patrimônio e para o turismo.

As experiências de sucesso realizadas na Europa demonstram a necessidade de avaliar o local e suas necessidades, entender suas peculiaridades, pensar no sítio como um todo, incluindo a comunidade local, sua economia e sua política, propor atividades turísticas que não prejudiquem o lugar, criar alternativas para diversificar os turistas quando houver alta densidade deles, e pensar em programas educativos que informem o turista sobre a maneira de realizar uma visita proveitosa e responsável (BARRETTO, 2000, p. 76).

Assim, a educação para o patrimônio, logo, a educação para o turismo, leva a passagem do uso dos bens à concepção do patrimônio na aprendizagem da história, podendo descobrir os aspectos da memória, organizando o passado histórico em quadros cronológicos, além de estar conhecendo os principais processos de transformação que consideram o progresso do mundo. É poder argumentar sobre alguns dos mais importantes problemas históricos, e dessa forma, poder adquirir e integrar novos processos da história, sendo um cidadão ciente das relações entre conhecimento do presente e do passado, e por fim, estar atento às razões do valor cultural do patrimônio, respeitando-o e preservando-o (MATOZZI, 2008).

Considerações Finais

Seria a educação, contudo, a salvação do turismo massificado e excludente? E a educação para o turismo cultural, um exemplo a ser seguido pelas demais vertentes turísticas?

Acreditamos que sim! No entanto, educar não é uma “receita de bolo” e o que não é adequado para um, pode ser o certo para determinada situação, principalmente se tratando de turismo.



O que se pretendeu no ensaio, portanto, foi mostrar através de estudos e pesquisas o que mais está em acordo com a necessidade da comunidade receptora do turismo, dos educadores que tentam minimizar os impactos sociais que a atividade pode causar e mencionar um exemplo de um segmento, que assim como qualquer outro, requer cuidado e dedicação respaldada por conhecimentos.

De acordo com Barretto (2003), estudar o turismo para os cientistas sociais “é estudar o ato praticado pelos turistas, mas para outras áreas do conhecimento significa adquirir competências e habilidades para trabalhar na prestação de algum serviço aos turistas” (p. 16). Assim sendo, o conhecimento para quem vai atuar no turismo antes de formar precisa partir de uma busca antropológica pelos anseios do turista aquilo que se deve aprender, porque é a partir de cidadãos comuns, aspirantes por necessidades que lhes cause sensação de prazer e desprendimento através de deslocamentos, que o profissional poderá articular em conhecimento de causa e por meio de pesquisas científicas, um turismo menos agressor e mais agregador.

Que fiquei claro, este é somente um exemplo dos vários que poderão auxiliar cada vez mais na consolidação da atividade turística.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Maria Carmem; MORELLI, Grazielle. **Turismo e educação: as relações possíveis.** Revista Digital: www.efdeportes.com. Buenos Aires. Año 11. N° 97. Junio de 2006

BARRETO, Margaritta; TAMANINI, Elizabete; PEIXER, Maria Ivonete da Silva. **Discutindo o ensino universitário de turismo.** Campinas: Papyrus, 2004.

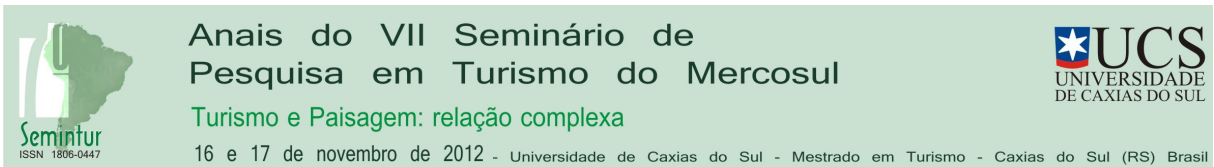
_____. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** 13ª ed. Campinas: Papyrus, 2003.

_____. **Turismo e Legado Cultural.** Campinas: Papyrus, 2000.

BRUSADIN, Leandro Benedini. **A formação do bacharel em turismo com base nas estruturas curriculares e nos docentes dos cursos de graduação.** Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação – ANPTUR, 2007.

CHOAY, Façoise. **Alegoria do patrimônio.** São Paulo: Unesp/Estação Liberdade, 2001

DE LA TORRE, Oscar. **El Turismo: fenómeno Social.** México: Fondo de Cultura Económica, 1992



- DIAS, Reinaldo. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2005.
- GAETA, Cecília. Profissão: professor. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (Editor). **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.
- IGNARRA, Luís Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- FONSECA, Selva Guimarães (Org). **Currículos, saberes e culturas**. Campinas: Alínea, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005
- MATOZZI, Ivo. **Currículo de História e educação para o patrimônio**. Educação em Revista. 2008, n.47, pp. 135-155.
- MOESCH, Marutschka. **A Produção do Saber Turístico**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2002
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Emílio, ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. A importância da educação para o turismo. In: LAGE, B. H. G.; MILONE, P.C. (Orgs). **Turismo teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. Pp. 243-255.